

FORMA DE MORAR: A CHÁCARA DE AMÉLIA E ANNIBAL ANTUNES MACIEL, PELOTAS, RS. (1863-1978)

ANNELISE COSTA MONTONE¹; ESTER JUDITE BENDJOUYA GUTIERREZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – annelisemontone@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – esterjbgutierrez@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no âmbito de estudo mais amplo, que se intitula Os jardins de Annibal e Amélia Antunes Maciel: construção de espaços no sul do Brasil (1863-2013), na linha de pesquisa Patrimônio e Cidade do doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas. O objeto da pesquisa concentra-se na antiga Chácara da Baronesa e seus jardins, hoje transformada em parque e museu municipal, localizada no bairro Areal, em Pelotas, RS. O recorte temporal está compreendido entre a segunda metade do século XIX e os anos 1970. Portanto, foca o período em que a propriedade permaneceu nas mãos do Barão dos Três Serros e de seus descendentes.

Os temas são: a construção e a conservação do local; a opção de morar das elites nas chácaras; os simbolismos; a representatividade da Chácara da Baronesa na paisagem cultural da cidade de Pelotas, em especial; brasileira, em particular, e, internacional, em geral. Sobretudo, quais inspirações e/ou modelos que colaboraram para a construção da chácara e de seus jardins? Como se estabeleceu esta forma de habitar? Em que contexto histórico, artístico e social se consolidou a propriedade? Estes são alguns dos questionamentos que a investigação se propõe a responder.

O local foi construído e idealizado por seus proprietários, o pecuarista e charqueador pelotense Annibal Antunes Maciel Júnior e sua esposa Amélia de Brito Hartley, Barões dos Três Serros, na segunda metade do século XIX, apresentando manifestações românticas e clássicas características desse período. A partir de 1890, a chácara também acolheu a família da filha mais velha do casal, Amélia Annibal Hartley Maciel, conhecida como Dona Sinhá, que se casou com Lourival Antunes Maciel, seu primo. Ao longo de um século, a propriedade pertenceu à mesma família, o que deve ter auxiliado na conservação de algumas de suas características originais.

A propriedade, juntamente com o requinte de seus arranjos paisagísticos, demonstrava o poder econômico e o gosto estético de seus proprietários. Um detalhe importante, que pode apontar as fontes de inspiração para a forma de morar em estudo, é a estreita relação da família com a corte, pois a baronesa Amélia era natural do Rio de Janeiro e descendente de ingleses. Pode-se relacionar este dado com observações de Gilberto Freyre (1977), segundo as quais, nas primeiras décadas do século XIX, os ingleses mais abastados, recém chegados ao Brasil, deram muito valor às chácaras que existiam nos arredores do centro urbano do Rio de Janeiro e de outras cidades, onde se instalaram. Também, conforme Menezes (2002), pode-se dizer que os ingleses trouxeram, como padrão de comportamento, o culto ao *pittoresco*, ao *belo* e ao *sublime*, às paisagens idealizadas pela arte. Sem esquecer, ainda, que o “bom gosto” era um privilégio das classes sociais mais altas, educadas para tal.

No parque, compondo a paisagem pitoresca, convivem um jardim de inspiração francesa com chafariz, canteiros simétricos e traçado geométrico, um jardim de influência inglesa com extenso gramado, gruta com pedras de quartzo, canaletes, pontes, ilha, um local para criação de coelhos na forma de um pequeno castelo e um bosque onde predominam eucaliptos, com dois pequenos lagos e vias sinuosas. Os elementos paisagísticos, hoje encontrados e apreciados nos jardins da baronesa, são remanescentes de uma estrutura projetada, provavelmente, no final da década de 1860 ou ao longo das duas décadas seguintes. A residência principal foi remodelada em diferentes períodos, recebendo os itens da modernidade e a manutenção necessária para bem habitá-la, conforme demonstram documentos manuscritos da família. A partir de meados do século passado, a urbanização do bairro Areal intensificou-se, e o entorno da chácara, aos poucos, perdeu seu aspecto de transição entre a zona urbana e a rural.

Em 1978, a área passou ao município, transformando-se em espaço público, incluindo duas casas existentes na propriedade: a antiga residência, atualmente chamada Museu Municipal Parque da Baronesa, e um sobrado ao estilo bangalô americano, de 1935. Originalmente a chácara possuía uma área de dez hectares, hoje são aproximadamente sete. O terreno restante foi acrescido de outros terrenos para, após os trâmites legais com o município, ser loteada e explorada economicamente pelos herdeiros da família Antunes Maciel.

O prédio principal e o parque passaram por quatro anos de reformas promovidas pela Prefeitura. O museu foi inaugurado em 1982 e, atualmente, está vinculado à Secretaria Municipal de Cultura. No ano de 1985, os prédios e o parque, com a respectiva área de sete hectares, foram tombados pelo município.

O museu manteve a tipologia de residência. Desde a inauguração da instituição, abriga peças doadas pela família e outras recebidas da comunidade. O acervo traz representações de modos de vida, hábitos e relacionamentos da sociedade pelotense, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

O estudo proposto se justifica diante da importância do local que, com o desenvolvimento urbano da cidade, transformou-se num dos raros exemplares preservados de chácaras urbanas do Rio Grande do Sul, aberto ao público e frequentado anualmente por milhares de pessoas, pelotenses e turistas. Seus jardins configuram-se como uma obra de arte a ser preservada, exemplar de uma forma de habitar.

A pesquisa possui como objetivo geral narrar a história da construção e conservação da Chácara da Baronesa e tratar as representações simbólicas desta paisagem urbana. Especificamente buscam-se os seguintes objetivos: expor o contexto histórico, artístico e cultural, relacionado às chácaras, como forma de morar, no período oitocentista; identificar prováveis fontes de inspiração que levaram o barão e sua esposa à idealização de sua propriedade; identificar e localizar os meios que tornaram possíveis a construção e manutenção desse espaço simbólico; interpretar os significados desta inserção na paisagem urbana de Pelotas, oriunda do século XIX, nos dias atuais; e demonstrar a relevância de preservar o lugar, como patrimônio do município e como museu, para além do ato de tombamento, entendido como toda a área remanescente da antiga chácara, prédios, jardins históricos e bosque.

No século XIX, a propriedade localizava-se fora da zona urbana de Pelotas. Segundo Reis Filho (2004), nesse período, morar na zona rural significava ter mais conforto do que nas cidades e vilas. Nas chácaras as facilidades de abastecimento e

serviços eram proporcionadas pelo espaço para a horta e criação de animais e obtenção de água. Conforme apontam Mendes, Veríssimo e Bittar (2010), após a chegada da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, essas propriedades transformaram-se em residências de famílias abastadas, recebendo requintes, como jardins planejados e bem cuidados.

Freyre (2004, p. 321) diz que nos jardins das chácaras sempre havia um parreiral “sustentado por varas ou então colunas de ferro: parreiras com cachos de uva doce enroscando-se pelas árvores, confraternizando com o resto do jardim. Recantos cheios de sombra onde se podia merendar nos dias de calor.”

Viajantes estrangeiros descreveram algumas paisagens e chácaras de Pelotas, entre eles o Conde d’Eu, que durante a Guerra do Paraguai, em 1865, passou nove dias na cidade. Para ele, que observou a vegetação durante a primavera, as impressões foram as melhores: mencionou a presença de árvores de diferentes climas, fez comparações com o Rio de Janeiro e encantou-se com parreirais, pessegueiros, pereiras, laranjais e roseiras que constituíam verdadeiras cercas. Em 1885, um importante relato sobre a visita da Princesa Isabel à região sul, pinçado dos jornais de Pelotas, demonstrou a beleza da propriedade.

2. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos expostos se propõe seguir metodologia tradicional da História, com o uso das seguintes fontes primárias:

- doze livros de despesa, manuscritos, da família Antunes Maciel, que se encontram no acervo documental do museu; abrangem o período de 1894 a 1946;
 - cento e cinquenta e duas cartas de Amélia Antunes Maciel (baronesa) – 1885 a 1918; cinquenta e cinco cartas de Rubens Antunes Maciel (neto) – 1914; e trinta e quatro transcrições de cartas de Mozart Antunes Maciel (neto) – 1927 a 1928; do acervo do museu;
 - fontes escritas, como os jornais da Biblioteca Pública Pelotense, do final do século XIX e primeira década do XX, com finalidade de localizar reclames de jardineiros, paisagistas, que atuavam em Pelotas, e anúncios de venda de chácaras; recortes de jornais encontrados no acervo do museu;
 - inventários de Francisco Antunes Maciel (1832), de Felisbina da Silva Antunes (1871), do Coronel Annibal Antunes Maciel (1875) e do Barão dos Três Serros (1877), localizados no Arquivo Público do Estado do RGS, em Porto Alegre;
 - entrevistas transcritas com Zilda Maciel de Abreu e Silva, neta da baronesa, e Magali Antunes Maciel Aranha, bisneta da baronesa, (documentação de pesquisa do Museu da Baronesa) e seu depoimento, autorizado, via e-mail;
 - fotografias pertencentes ao acervo do museu e outras enviadas por meio eletrônico por Magali Antunes Maciel Aranha;
 - pesquisa iconográfica no filme *Ângela*, de 1951, filmado, em parte, no interior do prédio do museu e em seu entorno; e
 - coleta de dados em documentos administrativos do Museu da Baronesa.
- A investigação também conta com:
- pesquisa bibliográfica para comparação entre outros espaços no Rio de Janeiro, como o Passeio Público e a Praça da República, e, no exterior, os *boulevards*, passeios e praças do século XVIII, na França e na Inglaterra;
 - revisão bibliográfica com apoio em teses, dissertações e artigos relacionados ao tema, de autores brasileiros e estrangeiros;
 - fundamentação teórica - patrimônio, da memória e da história cultural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos livros de despesa de D. Sinhá foram coletadas informações que demonstram os gastos com a chácara, incluindo espaço interno e externo, em diferentes períodos; das cartas foram extraídos comentários relativos à sua manutenção; os inventários apontaram os meios geradores de renda à família; fotografias e entrevistas com descendentes revelaram elementos paisagísticos e memórias do lugar; e o filme Ângela mostrou ornamentos que já foram perdidos.

No atual momento da pesquisa se fazem necessários uma conferência e cruzamento das informações coletadas nos documentos citados.

4. CONCLUSÕES

O Museu da Baronesa e seu acervo vêm sendo objeto de pesquisa em nível de graduação e pós-graduação, envolvendo diferentes temáticas, mas com relação ao local, visto como uma forma de habitar, uma antiga chácara e à área do entorno da residência, há poucas citações. Pretende-se que este trabalho sirva de referência neste sentido, ao demonstrar o contexto da criação desse espaço e a relevância de sua preservação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUCHAIN, Vera Rheingantz; BETEMPS, Leandro Ramos (orgs.). **Cadernos do IHGPEL - A visita da Princesa – 1885**. Pelotas: Ed. e Gráfica Universitária da UFPel, 2011, p. 15.

EU, Luís Felipe Maria Fernando Gastão de Orléans, Conde d'. **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Univ. de São Paulo, 1981, p. 137.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, Brasília, 1977.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Francisco; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil: de D. João VI a Deodoro**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. P. 29 – 64.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **O Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2004.